

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

TEXTO CÔMICO: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Luciana Almeida Santos ¹

EIXO TEMÁTICO: Estudos da linguagem

RESUMO:

Por intermédio de uma perspectiva pedagógica, o presente artigo busca discutir a importância do texto cômico como estratégia para formação de leitores, embasando-se numa análise feita na “I Oficina de leitura de textos cômicos”, realizada na Universidade Federal de Sergipe, com alunos de distintos cursos de graduação do campus Prof. Alberto Carvalho. Dessa forma, é estabelecido um diálogo com os PCN’S de Língua Portuguesa, a fim de demonstrar a importância do trabalho com esse texto em sala de aula para o treinamento de leitura. Diante de tal análise, foi possível perceber a relevância do texto cômico tanto como um recurso incentivador e motivador de leitura, quanto como uma ferramenta que trabalha a capacidade de raciocínio e interpretação, evidenciando-se assim, sua peculiaridade.

PALAVRAS- CHAVE: Texto cômico; PCN’s; Leitura.

ABSTRACT:

Through an educational perspective, this article discusses the importance of the comic text as a strategy to the formation readers, we follow an analysis made through the “I Reading workshop of comic texts”, done at the Federal of Sergipe University , with students from different courses at Prof. Alberto Carvalho campus. In this workshop we established a dialogue with the Portuguese PCN’s and we realized the importance of this work in the classroom to formation of readers. Faced with this analysis, it was possible to perceive the relevance of the comic text how an encouraging and motivating reading tool that works the capacity of reasoning and interpretation, demonstrating this way its peculiarity.

¹ Graduanda em Letras- Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e bolsista do Programa PIIC (Programa de Inclusão em Iniciação Científica). Atualmente estuda o gênero cômico na obra marioandradiana *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, tendo como orientadora a Profa. Dra. Jacqueline Ramos. E-mail: lu.brahms@gmail.com.

KEYWORDS: Comic text; PCN's; Reading.

1-INTRODUÇÃO

*Livros não mudam o mundo, quem
muda o mundo são as pessoas.
Os livros mudam as pessoas.*

Mário Quintana

Tendo como base o estudo do gênero cômico em obras literárias, organizou-se, no início de 2012, a execução da *Oficina de leitura de textos cômicos*, (RAMOS, 2011), financiada pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), tendo como alvo exercitar a leitura. O presente projeto foi articulado à pesquisa da orientadora Jacqueline Ramos intitulada “O cômico na literatura brasileira”, inspirando-se nesta e aproveitando seus materiais teóricos e literários. Obtendo um total de 15 vagas, sendo todas preenchidas, a extensão ocorreu no período de duas semanas, no mês de janeiro, tendo o miniauditório do campus Prof. Alberto Carvalho o local para seu acontecimento no turno vespertino.

A oficina foi realizada com o intuito de atrair alunos que, geralmente, não têm o hábito de leitura, fato ocasionado muitas vezes pela metodologia que seus cursos seguem. Dessa forma, o laboratório teve como meta, atrair, embora despretensiosamente, discentes do campus e pessoas da comunidade itabaianense. Assim, sabendo-se que há déficits, o intento foi o de estimular indivíduos para o hábito de ler, a partir de um tipo de texto divertido, que prima por uma leitura atrativa e que explora fortemente a “atitude responsiva” (BAKHTIN, 1997).

Neste artigo, tem-se como pretensão, demonstrar por meio de uma análise realizada na oficina, o poder que o texto cômico possui como instrumento motivador e incentivador da leitura e como essa prática pedagógica pode ser de grande valia para construção de leitores. Num primeiro momento, demonstraremos a metodologia proposta na oficina, os avanços ocorridos ao longo das duas semanas, o impacto ocorrido e os resultados alcançados, assim como a multiplicidade de possibilidades de trabalho, destacando a abundância de recursos que esse texto propõe. Já num segundo momento, analisamos a partir dos PCN's e outras teorias, a importância da formação de leitores pelo viés do trabalho com esse gênero.

Como sabemos, o ato de ler oferece-nos um suporte auxiliador no tocante à compreensão de tudo que nos compõe, transformando-nos em indivíduos críticos socialmente e que, simultaneamente a tudo isso, possibilita a acumulação de conhecimentos que irá perdurar por toda uma vida. Nesse processo, a escola como instituição mediadora do conhecimento, exerce o papel fundamental de despertar o interesse pela leitura, a partir das práticas pedagógicas adotadas. Então, salienta-se a assertiva de que deve existir entre a leitura e o leitor, uma relação de complementaridade, em que o leitor faz do ato de ler um processo múltiplo diante das interpretações que o texto sugere, e o texto arroja-o nas questões, enigmas que traz imbricados entre as palavras, propondo interrogações, que cabe ao leitor preencher com seus diversos pontos de vista, instaurando novas concepções intelectuais que são renovadas a cada leitura. Assim, nossa discussão será efetivada sob o prisma do texto cômico como uma alternativa pedagógica a fim de se engendrar leitores.

2-METODOLOGIA

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

Para uma satisfatória efetuação do curso de extensão, foram selecionados textos cômicos dos mais diversos tipos, tais como: conto, piada, quadrinho, charge, narrativa, crônica, poema, entre outros; tencionando “trabalhar com a diversidade discursiva do texto cômico, já que a maior variedade de textos implica num maior espectro dos usos linguísticos” (RAMOS, 2011). Colocaram-se em prática assíduas reuniões por parte das coordenadoras da oficina juntamente com a orientadora a Prof.^a Dra. Jacqueline Ramos, com o propósito de criação de um cronograma para as atividades e discussões das aplicações textuais, sendo, portanto, essa estratégia intermediada por recursos audiovisuais, dinâmicas, encenações teatrais e aulas teóricas.

Após essa etapa, iniciou-se a fase de divulgação do curso nas salas de aula com o objetivo de atrair estudantes de diversos cursos. Em seguida, inauguraram-se os encontros na primeira semana, com uma dinâmica interativa através de uma caixa de piadas, na qual cada aluno retiraria uma e exporia suas observações a partir do que foi lido. Também houve uma

apresentação do gênero referido, a fim de que se pudesse ter um panorama do que seria aplicado.

Num outro momento, reproduzimos o vídeo intitulado “ecce homo”, que apresenta um panorama da história do riso e suas funções, proporcionando, inclusive, uma noção essencial acerca do gênero tratado. Confirmamos ser de grande valia essa atividade por conta do comportamento dos alunos em sala, sendo perceptível o notório crescimento do interesse de ambos pelo assunto.

O restante dos encontros foi intensificado pela apropriação de textos mais extensos, nos quais cada integrante representava um personagem, assemelhando-se a uma encenação teatral. A título de exemplo, *Lisístrata: a greve dos sexos*. Peça teatral produzida pelo comediógrafo grego Aristófanes, atividade que forneceu uma discussão acalorada, pelo fato de várias questões sociais nele exploradas, tais como a submissão da mulher perante a sociedade.

Um dos poemas discutidos foi “O assassino era o escriba” de Paulo Leminski. Sua escolha foi ocasionada por ser um recurso didático, por sua vez, assaz eficiente quanto à possibilidade de relembrar e avaliar conceitos de morfologia e sintaxe de forma recreativa, permitindo que perguntas fossem lançadas sobre esses termos. Aglomerando revisão, avaliação, interpretação e diversão num só conjunto.

Seguindo essa linha metodológica, discorreu-se sobre alguns procedimentos que o cômico se utiliza, isto é, de que maneira determinado autor cria uma situação cômica? Isso por seu turno, varia, podendo ser uma construção linguística, regressão, ironia, trocadilho, etc. Sendo extensos os procedimentos cômicos, todavia, todos eles estão presentes no nosso cotidiano: jogando-nos numa instância prazerosa, socializadora ou coercitiva. E, como se priorizou o trabalho com vários tipos textuais, os discentes puderam discerni-los e revisá-los.

3-ANÁLISE E RESULTADOS

Para parte da turma foi impactante o início do curso, talvez pela inibição, mas mediante o desenrolar dos encontros, a oficina mostrou-se cada vez mais uma ideia produtiva e, além de tudo, engajada. Assim, no decorrer das suas semanas, algumas observações

ergueram-se. Dentre elas, a inibição por parte de alguns, tanto ao ler quanto ao proferir a compreensão da leitura. Contudo, como o texto cômico agrupa, o riso contagiava, pois as interpretações floresciam e todos começavam a ter mais ânsia pela participação.

Em certos textos foi possível notar certa dificuldade para pronunciar algumas palavras. Isso, por sua vez, levou-nos a pensar em um hábito de leitura pouco assíduo por parte desses alunos. Convém lembrar aqui, que a timidez pode ter sido um dos elementos que talvez tenha atrapalhado a desenvoltura pelo fato de que, alguns cursos utilizarem essencialmente livros técnicos, compostos por uma linguagem padrão. E justamente esses indivíduos se mostravam bastante comprometidos nos momentos em que analisávamos os textos, detendo apreciações instigantes. Percebemos assim, que o texto cômico possibilitou tanto a desinibição quanto a liberdade, deixando os participantes mais descontraídos para poderem explanar seus alvitre acerca de suas leituras interpretativas.

Em textos mais longos, o interesse em especular foi se intensificando no decorrer das discussões. Isso pode ter sido propiciado pelo fato desse texto abarcar as relações sociais, cingir o indivíduo. Dessa forma, os discentes davam exemplos de experiências próprias ou de familiares que se comparavam a alguns acontecimentos do que foi lido ou projetava-os na sociedade, tornando a querela sempre mais diligente.

Acreditamos que, como uma oficina despretensiosa, o objetivo de treinar a leitura foi alcançado. Prova cabal disso foi a participação das pessoas tanto nas leituras quanto nas contendas, algo indicado pelo interesse eficaz demonstrado no percurso de todos os encontros, assim como a disposição e desejo demonstrados em frequentar o curso em oportunidades posteriores.

4-GÊNERO CÔMICO: POR QUE ESTUDÁ-LO?

Em se tratando do gênero cômico, primeiramente ele irá surgir associado ao conhecimento divino, já na Idade Média o cômico é considerado algo ridículo, demonizado. Muito longe de ser apenas uma mera diversão ou distração como muitos pensam, o cômico é um potente veículo para denúncia social, um instrumento de combate, podendo assumir causas político- ideológicas. Num país dividido rijamente em classes sociais como o nosso,

possuidor de um sistema educacional deteriorado e um sistema político em que tudo se transforma em mercadoria, o cômico assume o poder de crítica social mostrando de forma descontraída em alguns textos de cunho midiático e pedagógico, a realidade degradante, permitindo dessa forma, discorrer sobre assuntos que seriam vetados de maneira séria. Sendo assim, o cômico vai muito além do que se possa imaginar, é um fenômeno psicológico, atuante, social, libertador e prazeroso.

Convém aqui então, explanarmos que tipo de aprendizado, questões suscitadas e funções que esse texto pode oferecer enquanto instrumento motivador de leitura. Visto sob a perspectiva de Bergson (1983) o riso, que seria o gesto físico do cômico “é sempre o riso de um grupo” (BERGSON, 1983, p.8). Sob esse olhar, o cômico permitiria unir até mesmo indivíduos dispersos, que não possuem algum tipo de relação, agindo de um modo que proporciona a sociabilização, fazendo brotar a união. Suponhamos que numa sala de aula, por exemplo, se algum texto estivesse voltado à perspectiva do filósofo, provocando o riso de todos, conseqüentemente geraria uma adesão entre colegas, tornando o ambiente mais aprazível. No entanto, é importante salientarmos uma característica intrínseca ao gênero cômico: sua ambivalência. Assim como podemos congregarmos diferentes indivíduos sociais a partir dele, podemos afastá-los novamente através de outra função: a repressão. Explicando melhor, essa repressão consistiria em enquadrar o indivíduo que praticasse atos considerados inadequados pela sociedade, reestabelecendo a ordem requerida.

De acordo com Bergson, o riso seria um fator de correção para aquele indivíduo que age de maneira contrária às regras da sociedade. O cômico para ele é social, tendo a função de corrigir o indivíduo mediante alguma situação em que este se comporte de forma inadequada. Sendo assim, quando o riso chega ao ponto de nos expor ao ridículo, acabamos por rever nossas concepções como sujeitos. Dessa maneira, ele desencadeia uma interação entre as pessoas provocando uma dinamicidade nesse inter-relacionamento. Esse riso, considerado “um gesto social” para Bergson, reporta-se ao fato de que ele tem aplicabilidade, lugar nas relações, pois ele provoca tanto uma coesão como uma coibição. A coibição pressupõe a coesão, posto que como o riso reprime aquele sujeito que se mostra inadequado, ele acaba corrigindo-o e, conseqüentemente, abrindo espaço para a sua adequação e inserção na sociedade. Sendo assim, o riso é o fio condutor, mediador, elemento de correção que permite a adaptação na comunidade.

Tomando como percurso o estudo de Freud (1977), o cômico e todos os métodos de que se obtém prazer da vida mental são um modo para o reestabelecimento da produção de prazer. Liberando-se as tensões propostas pelas regras sociais, a tudo que se liga, de alguma forma, ao proibido e que, portanto, nos reprime, o cômico atuaria como válvula de escape, em que toda a energia psíquica que usamos para enclausurar nossos pensamentos, seria exteriorizada causando-nos prazer.

Já André Jolles, diferentemente dos autores anteriores, congrega, em seu estudo, a função de enquadramento social mediante a repressão e a de fonte libertária, prazerosa. Além do mais, o cômico sob essa perspectiva está vinculado à capacidade de pensar, “é a forma que *desata* coisas, *desfaz* nós” (JOLLES, 1976, p. 206). Descortina assim, a capacidade do chiste de desvelar as múltiplas possibilidades do pensamento, permitindo extrapolar os limites da linguagem, da lógica, da ética, dos pensamentos e das próprias formas (JOLLES, 1976, p. 209). Percebe-se então, que ele desfaz o que já existe, criando outra lógica, reveladora, “desconstruindo” os caminhos do pensamento e fornecendo uma fonte para o uso diversificado da linguagem.

No que se refere à primeira função, o autor inclui como elemento representante a zombaria, que se relaciona ao particular, a reprimir determinado indivíduo, encontrando-se nela duas formas: a sátira e a ironia. Esses mecanismos distinguem-se pela distância existente entre o zombador e o objeto alvo. A sátira seria uma zombaria a um objeto que é incompatível com a nossa conduta, ou seja, é direcionada ao objeto que se repudia ou ignora, agredindo-o moralmente, relevando sua insuficiência e descarregando a tensão que se acumulou. Nesse mecanismo há uma grande distância entre o zombador e o objeto alvo de críticas. Já na ironia, por existir um sentimento de simpatia e solidariedade de nossa parte com relação ao objeto alvo, a distância torna-se menor, pois há uma ligação entre o zombador e o objeto de zombaria.

Há então, entre o indivíduo e o cômico um jogo mútuo. Se, por um lado, o indivíduo se deleita ao ver ou produzir uma situação cômica desvelando múltiplos prazeres, verdades, etc. Por outro, o cômico é o meio de acesso que permite ao indivíduo ultrapassar fronteiras, se desvincular da mesmice, das repressões, do que é considerado "certo" ou "errado" pela sociedade, expressar suas ideologias e viver nem que seja momentaneamente num universo mais justo, produzindo mais dinamicidade em sua vida (SANTOS, 2012, p. 3).

5-FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PRÁTICA EDUCACIONAL E CULTURAL

São abundantes os constructos produzidos, pensados, repensados e questionados na contemporaneidade no que concerne à existência de uma sequencial prática de leitura não defasada intencionando a formação de leitores conscientes, legítimos.

A leitura como prática social necessária à formação da cidadania é, geralmente, iniciada na escola, espaço que cabe ao docente incentivar o desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança, auxiliando-a nesse processo dinâmico no tocante ao aprimoramento de suas faculdades. Desse modo, o professor torna-se guia numa caminhada que desempenhará um papel fundamental, refletindo-se ulteriormente. A leitura é, portanto, um elemento composto por múltiplas funções, na medida em que trabalha o progresso instrutivo diversificadamente, pois quanto mais se lê, maior a compreensão, discussão, visão e, conseqüentemente, a habilidade de escrita.

Num país que tem aproximadamente 77 milhões de não leitores², fato agregado às inumeráveis questões sociais que, de alguma forma, interferem no quadro educacional do país, a atuação para que essa situação penosa se reverta torna-se urgente. Contudo, acreditamos que a persistência dessa vicissitude não seja determinada somente ao âmbito social, mas sim, a uma situação histórica que atrelou desde sempre a adoção de um sistema educacional obsoleto no Brasil. Mas como formar leitores numa nação com sistema educacional precário como a nossa, em que professores são amiúde desvalorizados, além dos vários empecilhos envolvidos nesse processo?

Com isso, trazemos aqui uma proposta embasada no uso do texto cômico como um artifício que permite modificar essa realidade. No que concerne à compreensão do significado da leitura, o PCN do Ensino Fundamental menor de Língua Portuguesa traz em sua abordagem que:

“É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”. (PCN, 2001, p. 55).

²Informação retirada da seguinte página: <http://www.jb.com.br/coisas-da-politica/noticias/2011/12/15/procuram-se-leitores-desesperadamente/>. Acessada em 02/06/2012 às 15:53.

Diante disso, encontramos um obstáculo que interfere em todo o processo de aprendizagem: a má compreensão do significado de leitura. Esse ler “puro”, artificial que não desenvolve reflexões, capacidade de raciocínio, que não propõe intertextualidades com textos já lidos ou com experiências já vividas, está sendo propagado nas escolas mesmo depois da publicação dos PCN’s, culminando num engessamento dos percalços que já foram vivenciados pela educação brasileira. Corroborando com esse princípio, é interessante seguirmos na linha de Marcuschi, o qual assinala que “compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio da sociedade em que se vive” (MARCUSCHI, 2009, p. 230). Nessa linha de pensamento, a compreensão de um texto não é um ato inato ao indivíduo, nem tampouco uma atividade isolada. Isso, por sua vez, significa que é uma estrutura que se adquire com o curso dos tempos, uma atividade que se solidifica aos poucos, em meio às relações sociais.

Segundo Compagnon "a experiência da leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender e amar, entre a filosofia e a alegoria, entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo” (COMPAGNON, 2003, p. 164); a leitura consegue transportar-nos em várias direções, as quais nos ajudarão a fazer comparações que levarão a percepções fulcrais das coisas que permeiam o mundo revelando-nos verdades sobre ele. Dessa experiência, emana o ser humano consciente de seus atos, de suas expressões e de seus idealismos, já que a leitura tem o poder de lapidar o indivíduo, além de proporcionar uma sólida estrutura de conhecimentos, permitindo que o próprio leitor construa sentidos de acordo com sua perspectiva. A respeito disso, Compagnon ainda enfatiza que “o sentido é, pois, um efeito experimentado pelo leitor, e não um objeto definido, preexistente à leitura” (COMPAGNON, 2003, p. 149). Desse modo, o leitor detém o poder de atualizar os sentidos do texto, diante da dimensão de interpretações que a leitura sugere, transformando leitor e texto em duas metades que se perfazem. Assim, como o sentido é por natureza subjetivo, pode variar a depender do conhecimento que ele possua acerca do tema, como também é variável a cada leitura, sendo o cômico “um gênero discursivo que explora criativamente os recursos da linguagem, tornando-o corpus privilegiado para estudo dos processos de construção do sentido” (RAMOS, 2011).

Nessa linha de pensamento, no que se refere à relação texto/ leitor Bakhtin (1997) aduz às concepções equivocadas entre emissor/ destinatário, pondo destaque à atitude responsiva deste, agente ativo no processo de interlocução:

“De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor” (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Partindo-se da importância da atividade interpretativa realizada pelo receptor, Bakhtin considera um equívoco limitar-se às fronteiras da intencionalidade do emissor, visto que, dessa maneira, restringe a função do receptor, posto que este é um elemento ativo na comunicação textual. E tem a competência de edificar suas próprias considerações, emitindo novos sentidos, tornando a interlocução um processo produtivo.

Tendo-se como referencial o texto cômico, este além de incitar o leitor com suas nuances e dinamicidade, irá, irrefutavelmente, pressupor uma interpretação por parte de quem o reproduz. Em outras palavras, é necessário antes de tudo, compreender a mensagem pretendida numa charge ou piada, por exemplo. Caso isso aconteça, simbolizará para o leitor que o sentido e a função do texto foram assimilados. Mas o que vem a ser mais impressionante em meio a tudo isso, é a característica dele conter uma substância indefinível capaz de envolver energicamente os leitores que por ele se cruza, sendo prova disso a experiência vivenciada na oficina. Assim, ele consegue produzir estímulo nos assuntos considerados mais ínfimos, concedendo aprendizado e transformando o indivíduo num leitor atento e idôneo.

Destarte, se o texto cômico for utilizado em sala de aula desde os primórdios da vida escolar, há uma grande probabilidade de o indivíduo criar prazer pela leitura, fato que pode se refletir ulteriormente. Isso não significa, no entanto, que só se deva priorizar o trabalho com esse gênero. Pelo contrário, trazemos aqui a proposta de seu uso como pioneiro, com o intuito de que ele possa satisfazer e aniquilar as dificuldades frequentemente encontradas pelo professor para dar prosseguimento a essa tarefa, servindo, desse modo, a propósitos metodológicos no que concerne a evitar a intermitência da leitura, isto é, da passagem da escola para o ensino superior, revigorando constantemente a arte de ler.

6-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o estudo do cômico na prática textual escolar proporcionaria a fluidez do prazer pela leitura, transformando-a numa atividade envolvente, duradoura e revolucionária, construindo um leitor que sabe perscrutar os sentidos inseridos no texto, como também reintegrando-nos a liberdade que foi arrancada mediante as pressões sociais, apaziguando as tensões e revelando a realidade ou até mesmo retendo nossa conduta.

Assim, o laboratório de leitura revelou-se, sobretudo, uma prática exequível, podendo-se transportá-la para as séries escolares, sob o prisma do uso do texto cômico como precursor na labuta pela formação de leitores. Assim, explanamos uma proposta transformadora e vinculada a uma possível modificação no panorama da educação brasileira no que se refere à formação de leitores autênticos e competentes.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. **Lisístrata – A greve do sexo**. Tradução Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª série): Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Trad. De Cleonice Paes de Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 139-164.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

JOLLES, A. **Formas Simples**. In: André Jolles. *O chiste*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976. p. 205-217.

LEMINSK, Paulo. **O assassino era o escriba**. In. *Caprichos e Relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.

RAMOS, Jacqueline. **Oficina de Leitura de textos cômicos**. Pró- Reitoria de extensão. Itabaiana: UFS, 2011.

_____. **O cômico na literatura brasileira** in *Anais do II Colóquio Filosofia e Literatura*. São Cristóvão: UFS, 2011.

SANTOS, Luciana A. **“Macunaíma”: um caleidoscópio de comicidade** In: IV Seminário Nacional Literatura e Cultura, 2012, São Cristóvão/Se. *Anais...*São Cristóvão: UFS, 2012. ISSN: 2175-4128.